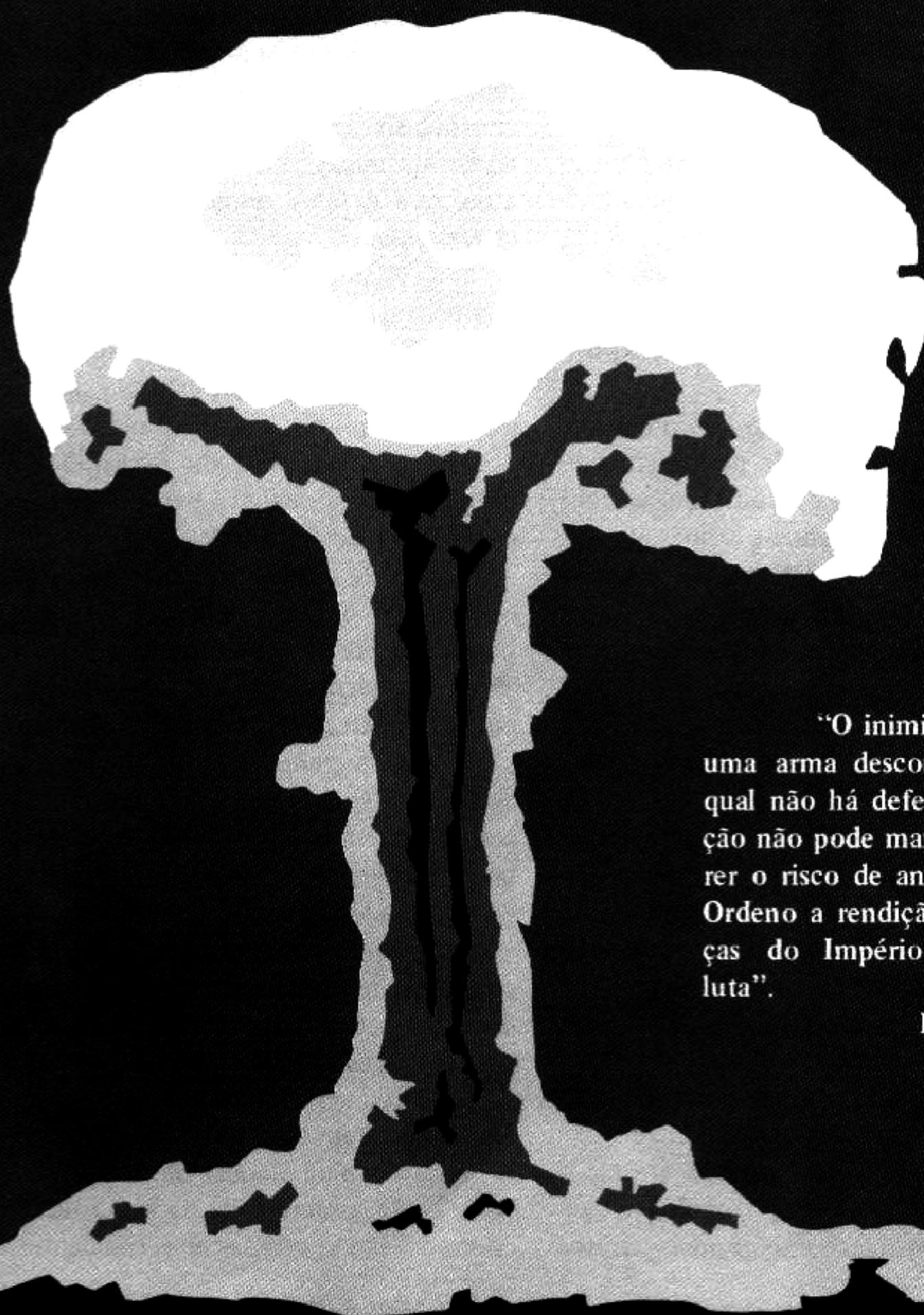


Defesa Nuclear, Biológica e Química

Cap Av. Onildo de Figueiredo Azevedo



“O inimigo lançou mão de uma arma desconhecida, contra a qual não há defesa possível. A nação não pode mais resistir sem correr o risco de aniquilamento total. Ordeno a rendição de todas as forças do Império empenhadas na luta”.

Imperador Hiroito

A utilização de agentes químicos e biológicos nas guerras entre a humanidade vem ocorrendo há centenas de anos. Costumava-se, por exemplo, lançar animais mortos nos reservatórios de água do inimigo e usar flechas com pontas envenenadas.

Mas foi a partir do início deste século que os agentes químicos ficaram mais conhecidos, com o emprego do gás mostarda na 1.^a guerra mundial, e da bomba incendiária na 2.^a grande guerra.

Na década de 60 os Estados Unidos lançaram herbicidas e agentes desfolhantes nas plantações de arroz e florestas do Vietnã, com o duplo objetivo de expor o inimigo e destruir sua fonte de alimentação. Segundo levantamento realizado, 1622 pessoas morreram pelo efeito direto dos produtos lançados.

Em época mais contemporânea, assistimos o líder iraquiano Saddam Hussein fazer uso ostensivo de armas químicas contra o povo curdo e contra os iranianos.

Já na recente guerra do Golfo Pérsico, os agentes químicos, apesar de não terem sido utilizados, foram objetos de constante ameaça contra israelenses, americanos e tropas aliadas.

Como podemos observar, de certa forma, o emprego de agentes químicos tem sido tolerado pela comunidade internacional, que pouco se manifestou contra seu uso.

Quanto aos agentes biológicos, costuma-se justificar seu pequeno emprego, pela dificuldade em restringir a disseminação da doença ao território inimigo. O país agressor arrisca-se a acabar sendo alcançado pela enfermidade que ele próprio lançou como arma.

Apesar de existir acentuada condenação mundial para o uso da arma biológica, não podemos ignorar essa ameaça, pois com uma utilização oculta seria difícil diferenciar o ataque do surgimento da doença pela forma natural.

É bom lembrar que agentes químicos e biológicos não exigem alta tecnologia para sua produção, e são relativamente mais baratos

que muitos armamentos convencionais.

Até mesmo a arma nuclear, que necessita maior tecnologia, encontra-se a disposição de países considerados subdesenvolvidos, como a Índia, Paquistão, Israel e África do Sul, mostrando que um número cada vez maior de países possuem armas NBQ, ou são potencialmente capazes de produzi-las.

Pelas guerras ocorridas no passado, podemos concluir que a criação de tratados internacionais, proibindo uso de armas de destruição em massa, não são suficientes para impedir seu emprego. Os últimos conflitos mostram perfeitamente que somente a capacidade de retaliação e de defesa coíbem seu uso. Isto explica, inclusive, porque os iraquianos utilizaram armas químicas contra os iranianos e não se atreveram a fazer o mesmo contra os americanos.

Além disso, é errado pensar que somente uma guerra poderá nos envolver com agentes nucleares. Acidentes radioativos como o de Goiânia, com uma cápsula de césio 137, ou uma explosão na usina nuclear de Angra dos Reis, a exemplo do ocorrido em Chernobyl, poderá exigir participação imediata da FAB em auxílio a defesa civil.

Vale comentar que em Chernobyl, o sobrevôo da usina por um fotógrafo soviético, sem proteção adequada, acarretou-lhe sérios problemas de saúde, provocados pela radiação nuclear.

Consciente que o envolvimento com agentes NBQ é possível, mesmo em tempo de paz, passaremos a analisar as consequências do seu emprego sobre nossas tripulações, aeronaves e unidades aéreas.

Para que nossa aviação tenha êxito em conflitos envolvendo armas NBQ, é imprescindível que sejamos capazes de sustentar as operações aéreas no campo de batalha.

As aeronaves de asa fixa, agrupadas em bases aéreas na retaguarda, são alvos bastante lucrativos para ataques químicos e nucleares.

Já as aeronaves de asas rotativas (helicópteros) são as vítimas mais frequentes da con-

taminação, pela sua possibilidade de operar em locais não preparados. A turbulência, causada pelo rotor durante pousos e decolagens, transfere para o interior da aeronave fragmentos contaminados existentes no solo.

Agentes NBQ são mais letais que armas convencionais, exigindo durante o voo decisões rápidas e corretas. Os pilotos precisam saber como ocorre a contaminação, como se espalha e quais são seus efeitos.

A importância do conhecimento dos efeitos desses produtos fica evidenciada no assessoramento prestado pelo médico do esquadrão ao comandante, principalmente na identificação de tripulantes incapacitados para o voo, em função da exposição a agentes NBQ ou por estresse causado pela vedação do equipamento protetor.

Uma aeronave atingida por agentes NBQ não pode ser afastada do combate, mais que o tempo necessário ao trabalho de descontaminação. Enquanto isto não ocorre, ela deverá ser operada por tripulantes utilizando equipamento protetor.

O equipamento protetor composto de vestimenta, capuz, máscara contra gases, botas e luvas de borracha deverá ser usado também pelo pessoal de apoio em serviços essenciais, tais como: pré-voo, pós-voo, reabastecimento, reboque, mudança de configuração de voo, manutenção programada e não programada das aeronaves.

Este equipamento protetor possui a inconveniência de reduzir a destreza manual e limitar a movimentação do militar. Para que a performance da unidade aérea não seja afetada, seus integrantes precisam estar bem treinados no seu uso.

Reprisamos por fim, que armas de destruição em massa estão ao alcance de muitos países, e que numa guerra sem regras e sem escrúpulos poderemos ser atingidos.

Se este momento um dia chegar, estaremos preparados não só para nos defender, mas também para vencer nos céus e no campo de batalha. ■

GLOSSÁRIO

- CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear
 EsIE - Escola de Instrução Especializada.
 IRD - Instituto de Radioproteção e Dosimetria.
 NBQ - Nuclear, Biológico e Químico.

BIBLIOGRAFIA

- 1- STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. The problem of chemical and biological warfare. USA, 1971.
- 2- US ARMY. Army aviation in an NBC environment. USA, 1985.
- 3- MARQUEZI, Dagomir. Guerra Nuclear. São Paulo, Editora Três, 1984.
- 4- CLARKE, Robin. Guerra Silenciosa. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1968.
- 5- ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA (EXÉRCITO BRASILEIRO). Manual de Defesa Nuclear, Rio de Janeiro.
- 6- ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA (EXÉRCITO BRASILEIRO). Manual de Defesa Biológica, Rio de Janeiro
- 7- ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA (EXÉRCITO BRASILEIRO). Manual de Agentes Químicos, Rio de Janeiro.
- 8- 5.^o/8.^o GRUPO DE AVIAÇÃO (FORÇA AÉREA BRASILEIRA) . Manual de Emprego das Asas Rotativas de Ataque, Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- 9- REVISTA MANCHETE N.^o 1988. Editora Bloch, Rio de Janeiro, 1990.
- 10-IMA 355-1. Apoio Aéreo à Defesa Civil na Terceira Zona Aérea. COMAR III, Rio de Janeiro, 1986.